

SUJEITO, IDEOLOGIA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA LETRA DE ROCK GERAÇÃO COCA-COLA, DE LEGIÃO URBANA

Anísio Batista Pereira¹

Resumo:

O presente estudo integra uma pesquisa de mestrado sobre identidades jovens construídas nos discursos do rock brasileiro da década de 1980, e se propõe a analisar a letra musical Geração Coca-Cola, da banda de rock brasileiro da década supracitada, Legião Urbana, objetivando problematizar o sujeito materializado no seu discurso. Para tanto, tomou-se como suporte teórico-metodológico conceitos como sujeito, discurso, sentido e formação ideológica, na concepção de Michel Pêcheux, este considerado o precursor da Análise do Discurso de vertente francesa. Assim, a análise pauta na problematização desses fatores ligados ao sujeito, o qual é materializado no discurso e resiste às formações ideológicas dominantes do período da ditadura militar, cujos valores não correspondem aos anseios da juventude vigente que apela pela revolução, ocorrendo uma espécie de desidentificação em relação às imposições políticas, sociais e culturais da época supracitada.

Palavras-chave: sujeito; discurso; ideologia; Legião Urbana.

Abstract:

The present study integrates a masters research on young identities constructed in the Brazilian rock discourses of the 1980s, and proposes to analyze the musical lyrics Coca-Cola Generation, from the Brazilian rock band of the decade mentioned, Legião Urbana, aiming to problematize the materialized subject in his speech. For this, concepts such as subject, discourse, sense and ideological formation were taken as theoretical-methodological support, in the conception of Michel Pêcheux, considered the forerunner of the French Speech Discourse Analysis. Thus, the analysis is based on the problematization of these factors related to the subject, which is materialized in the discourse and resists the dominant ideological formations of the period of the military dictatorship, whose values do not correspond to the yearnings of the youth in force that calls for the revolution, occurring a kind of disidentification in relation to the political, social and cultural impositions of the aforementioned time.

Keywords: subject; discourse; ideology; Legião Urbana.

¹ Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás – UFG/RC/FAPEG. Contato: anisiopereira2008@hotmail.com.

Considerações iniciais

Pensando na crítica materializada nos discursos do *rock* brasileiro da década de 1980, este trabalho tem por objetivo problematizar o sujeito da letra musical *Geração Coca-Cola*, da banda Legião Urbana, de acordo com as concepções de Pêcheux, fundador da Análise do Discurso (AD) de linha francesa. A letra foi tomada como enunciado, em que apresenta uma materialidade repetível (a língua), um suporte, uma data de produção, um campo associado e uma posição-sujeito. Assim, essa análise se fundamenta nas construções de sentido vinculadas à ideologia e à história, possibilitando problematizar esses conceitos na visão do supracitado teórico.

Atentando-se para a melhor forma de organizar as abordagens tendo em vista a própria extensão do artigo, este está dividido da seguinte maneira: em um primeiro momento, os conceitos ligados ao suporte teórico-metodológico foram problematizados e, em seguida, a análise da letra, elencando os resultados e as discussões, delineando para as considerações finais.

1. Sujeito, discurso, ideologia e sentido segundo Michel Pêcheux

O discurso pode ser entendido como a troca de sentidos entre sujeitos. Assim, não é possível entender o sujeito da linguagem desconsiderando a exterioridade, a memória, isto é, o interdiscurso. Para tanto, faz-se necessário perceber que além da língua propriamente dita, a ideologia é tomada por Pêcheux (1995) como elemento relevante do discurso, bem como considera Althusser (1970), no qual o primeiro autor se apoia para suas formulações sobre a teoria em questão.

Pêcheux (1995) revela que nas práticas discursivas, isto é, do que pode ser chamado de discurso, há de se considerar que além da materialidade linguística, existe também a interdiscursividade que diz respeito aos elementos sociais, vinculada às ideologias que acabam determinando o processo da linguagem. Essas considerações apontam para a constituição do sujeito ligada à historicidade, pelas relações com outros sujeitos, com discursos que remetem a outras produções discursivas anteriores, em que a memória pode ser tomada como aspecto da constituição de sentido do discurso.

A ideologia se constitui como elemento chave no processo da linguagem, pois “[...] a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos: [...] o indivíduo é interpelado

como sujeito [livre] para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto [livremente] sua submissão” (PÊCHEUX, 1995, p. 124). Essas considerações evidenciam que o sujeito do discurso é social, marcado por ideologias e não individual.

Se por um lado o sujeito é interpelado por ideologia que o domina, por outro, é possível acionar o fator resistência, por exemplo, as lutas de classes, em que há confrontos entre classes dominantes e classes dominadas. Nessa vertente, considerando o que Pêcheux denomina de assujeitamento, pode ocorrer resistências, desidentificação por parte do sujeito que não se encaixa em determinada ideologia. Nesse processo de identificação e de resistência, o inconsciente ganha espaço, tendo em vista que esses fatores se ligam ao desejo como elemento integrante nessa moldura de forma-sujeito.

Nesse âmbito discursivo, pode-se estabelecer uma relação nítida entre discurso e sujeito, ambos se relacionam pela linguagem. Assim, de acordo com Orlandi (2007, p. 21), cujas formulações se baseiam em Pêcheux, “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores”.

O discurso é produzido pelo sujeito que fala de um lugar social, fator que possibilita compreender, além dessas estruturas do discurso, o conceito de formação discursiva. Para entender mais nitidamente o conceito de sujeito segundo as concepções de Pêcheux (1995), faz-se necessário fazer um passeio pelo campo da formação discursiva, fator que está intimamente ligado ao discurso e ao sujeito. Segundo esse autor, entende-se por formação discursiva como aquilo que, em uma conjuntura dada, dentro de uma ideologia dada, é o que pode e deve ser dito em um determinado momento histórico. Assim, se um sujeito diz algo, suas ideologias e o momento histórico determinam que aquilo pode e deve ser dito. Se os sentidos estão intimamente ligados à ideologia, então vale destacar que os sentidos são dependentes dos sujeitos dos discursos, como condição da produção discursiva.

Diante do conceito de formação discursiva abordada por Pêcheux, vale ressaltar que se trata de uma formulação feita a partir da abordagem de Foucault (2009), que, em sua fase arqueológica [do saber], desenvolve essa questão, direcionando essa formação para os discursos com o mesmo sistema de dispersão. Além disso, esse filósofo aciona a formação social como elemento constitutivo da formação discursiva e Pêcheux acrescenta, no âmbito desse aspecto, a formação ideológica.

Essa formação ideológica abordada por Pêcheux na formação discursiva apresenta seu alicerce nas formulações de Althusser (1970), tendo em vista os aparelhos ideológicos do Estado, os quais influenciam as ideologias dos sujeitos e que, por sua vez, se ligam aos discursos. Esses aparelhos (escola, igreja, mídia...) acabam por dar ao sujeito uma formação, um direcionamento ideológico, aos quais esse sujeito se filia no sentido de dar permissão, legitimidade aos seus discursos. Nessa perspectiva, essas formações discursivas estão impregnadas nas formações ideológicas. Assim, “a *espécie* discursiva pertence, assim pensamos, ao *gênero* ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas [...] comportam uma ou várias *formações discursivas* interligadas (FUCHS, PÊCHEUX, 2010, p. 163-164, grifo dos autores).

Segundo Pêcheux (1995, p. 150):

[...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito”.

Além desse processo de identificação apontado nas palavras citadas acima, outros pontos importantes são abordados, como formação imaginária, isto é, a visão que o sujeito do discurso apresenta em relação aos sujeitos receptores e vice-versa. Diante de tal questão, vale ressaltar que a leitura de determinado enunciado (discurso) pelo sujeito receptor, está intimamente ligada à sua ideologia, isto é, ao seu lugar social. O interdiscurso, considerando que seja o diálogo de um discurso com outro(s), é outro fator considerado por Pêcheux, já que todo discurso está ligado a outro, formando um entrelaçado, o pré-construído.

Esses apontamentos sobre os enunciados na perspectiva pecheutiana, podem ser relacionados às considerações de enunciado na visão de Foucault (2009), contidos na sua Arqueologia [do saber]. Nesse trabalho, Foucault aborda o enunciado como acontecimento, relacionando-o com a história, determinando as condições sócio-históricas para seu aparecimento e não outro em seu lugar. Ainda que apresenta um domínio de memória, isto é, em que um enunciado é originário de outro(s) já construídos anteriormente, essas condições históricas o tornam singular. Além disso, todo enunciado serve de base para a construção de futuros enunciados. Nessa perspectiva, Foucault (2009) denomina de arquivo todo o conjunto de

discursos produzidos em determinado momento histórico. Essa memória discursiva é entendida como “pré-construído” por Pêcheux (1995) e Maldidier (2003).

Assim, além desse efeito de memória, dado pela interdiscursividade, o efeito subjetivo também encontra sua importância nesse processo, tendo em vista a sua marca na linguagem. Assim, a formação discursiva, indo para além da materialidade linguística, sublinha os efeitos de sentido dos discursos, tendo em vista os traços sociais do sujeito produtor do discurso.

Tomando o enunciado na concepção de Foucault, na sua fase arqueológica, é possível considerar o discurso como acontecimento, entrando em consonância com Pêcheux (2008) quando também o considera na sua abordagem. Para este, o discurso envolve dois aspectos: a estrutura, que considera a língua como fator de materialidade do discurso; e o acontecimento, que se vincula ao fator histórico. Nessa direção, é possível afirmar que tanto a materialidade linguística quanto seus fatores externos apresentam sua relevância discursiva, em que os dois autores destacados consideram o fator histórico como elemento decisivo no processo.

Nessa direção, o discurso está intimamente ligado à ideia de sentido. “O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 47).

Aliada à ideia de formação do sujeito está a ideologia, considerada como posição do sujeito do discurso. Em relação à ideologia, é possível afirmar que a mesma se dá pelo sujeito pertencente a um grupo social, assumindo as mesmas posições (crenças, convicções, traços culturais, dentre outros fatores) dentro da esfera social.

Linguagem e ideologia estão diretamente ligadas, uma vez que a ideologia é materializada na linguagem. Dessa forma, estão presentes nos discursos, os quais se dão por meio da linguagem, a(s) ideologia(s), já que todo enunciado é produzido por um sujeito ideológico, tendo em vista sua inserção social e o contexto histórico. “O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2007, p. 46).

Dessa forma, tomando por base as considerações dessa referida autora, o sujeito é formado no âmbito da linguagem, marcada pela ideologia, isto é, esta última é responsável por inscrever o indivíduo na condição de sujeito. E é por meio dessa ideologia que o discurso é produzido, materializado na linguagem. Além disso, sobre a relação ideologia-discurso-língua, Orlandi (2007, p.17), em leitura de Pêcheux,

aborda que, “partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia”.

As palavras da autora apontam para a relação fundamental entre alguns elementos no processo de produção do discurso pelo sujeito, em que um depende do outro. Diante de tais afirmações, é possível afirmar que todo discurso é produzido por um sujeito, o qual não o diz de um lugar qualquer, mas indica seu lugar social, o qual é marcado por ideologias. Assim, a materialização desse discurso se dá por meio da língua, a qual possibilita a produção dos discursos. Nesse raciocínio, tomando as formulações de Pêcheux (1995) no que tange ao sujeito e sua influência na semântica do discurso, afirma-se que o lugar sócio-histórico do sujeito influencia na produção dos discursos e dos sentidos.

Diante dessas considerações acerca do discurso, o qual se dá com vistas à ideologia e por meio da linguagem, é possível estabelecer uma ponte entre esses conceitos e a letra musical *Geração Coca-Cola*, interpretada pela banda Legião Urbana. Sob essa ótica, faz-se necessário o reconhecimento de que as definições e esses discursos têm por objetivo, antes de qualquer outra função, destacar algumas possibilidades acerca dos posicionamentos dos sujeitos, suas formações ideológicas e efeitos de sentido materializados na letra.

2. Análise de *Geração Coca-Cola*

De acordo com Dapieve (1995), a letra da música *Geração Coca-Cola*, interpretada pela banda Legião Urbana, pertence ao álbum homônimo da banda, lançado em 1985, de autoria do integrante Renato Russo. O que se percebe nessa letra é um discurso que aponta para uma juventude revolucionária que foge do comodismo e apela por algo diferenciado, novas formas de práticas culturais, novas ideologias.

Geração Coca-Cola	
(Renato Russo)	
Quando nascemos fomos programados	Depois de 20 anos na escola
A receber o que vocês	Não é difícil aprender
Nos empurraram com os enlatados	Todas as manhas do seu jogo sujo
Dos USA, de nove às seis	Não é assim que tem que ser
Desde pequenos nós comemos lixo	Vamos fazer nosso dever de casa
Comercial e industrial	E aí então vocês vão ver
Mas agora chegou nossa vez	Suas crianças derrubando reis
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês	Fazer comédia no cinema com as suas leis
Somos os filhos da revolução	Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião	Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação	Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola	Geração Coca-Cola
	Geração Coca-Cola
	Geração Coca-Cola
	Geração Coca-Cola

Quadro 1: Letra do rock em análise.

Escrita em primeira pessoa do plural, a letra estabelece uma dicotomia entre os termos “nós” e “vocês”, como marcas linguísticas utilizadas para demarcar duas categorias de sujeitos que se confrontam, isto é, duas ideologias que se contrastam, como se percebem nos enunciados abaixo. Por outro lado, os termos no plural apontam para o sujeito da linguagem que não assume caráter individual, mas coletivo, tendo em vista que o discurso se vincula ao social.

Algumas marcas linguísticas merecem destaque nesses enunciados. “Quando” refere-se a uma marca temporal, termo que indica a presença do sujeito no discurso, localizando-o no tempo/espço, ideologia na linguagem. O sujeito do presente faz um relato que apresenta seu início em tempos remotos, reforçado por “Desde pequenos”, traçando um percurso do nascimento, vivência escolar, enfim influências vindas de outro lugar. Posteriormente ao relato do passado, o sujeito dá início à contraposição ao “vocês” (geração militar) com a expressão “Mas agora”. Essa expressão aponta para uma reação, no presente, em relação à vivência no passado.

Além do exposto, pode-se tomar a letra *Geração-Coca-Cola*, para leitura, sob o ponto de vista de aspectos históricos e sociais, tendo em vista as influências norte-americanas no modelo educacional e consumista brasileiros. Essa geração referida, da década de 1980, jovens que tiveram suas infâncias nas décadas anteriores, viveu

esse modelo educacional baseado nos moldes dos EUA, pelo acordo entre o Brasil e o referido país (MEC-USAID, década de 1960), na época da ditadura militar. Além disso, o consumismo se dá com base nos produtos consumidos pelos norte-americanos que são adotados no nosso país. Nessas circunstâncias, os jovens, que viveram sua infância na década de 1970, época do regime político militar e que houve esse acordo educacional com os EUA, vivenciaram essa educação e consumo importados, servindo como base para a construção dos discursos que se percebem nos enunciados da letra. Daí é possível detectar os efeitos de sentido na expressão “Geração Coca-Cola”: crítica ao modelo educacional norte-americano adotado pelo Brasil e o consumismo, isto é, gosto dos brasileiros pelos produtos importados do referido país norte-americano. Assim, esses efeitos de sentido são produzidos, no discurso, pelos e para os sujeitos (ORLANDI, 2007).

Esses aspectos materializados na letra musical apresentam as construções de sentido pautadas em uma memória, isto é, o chamado pré-construído (MALDIDIER, 2003), sugerindo a implantação desse novo modelo educacional no Brasil e o sujeito, representando sua geração, vivencia desde a infância essas imposições ideológicas. Nessas circunstâncias, esses sujeitos se constituem pela interpelação de uma ideologia baseada no consumo de produtos industrializados, pela censura cultural e de outras formas de expressões, bem como a formação escolar pautada no modelo norte-americano. Assim, o discurso é baseado em uma memória que serve de pano de fundo para a construção dos sentidos do discurso, cujo sujeito, apesar de sua condição burguesa, se contrapõe às ideologias impostas e apelam para outras formas de valores, outras ideologias. Além disso, tal memória se filia a ideia de tomar o discurso como acontecimento, tendo em vista seus fatores externos que se relacionam à história e são materializados na língua (Pêcheux, 2008).

Percebe-se um espírito de reação do(s) sujeito(s) em relação às imposições que sempre aconteceram, ao que tudo indica, dos governantes, em relação ao consumo pautado pelas importações dos Estados Unidos (“Nos empurraram com os enlatados dos USA, de nove às seis”), impondo aos sujeitos uma ideologia baseada na cultura de consumo pautada nos produtos norte-americanos. São evidenciadas as relações ideológicas entre os sujeitos do discurso, isto é, “nós” e o “vocês” (provavelmente os governantes) para quem o discurso é dirigido. Isto é, “nós” refere-se ao grupo jovem, nascidos e criados na época da ditadura militar e “vocês” a própria geração militar.

Nessa direção, trata-se de classificações de sujeitos, se encaixando no conceito de identificações grupais, em que o sujeito se identifica por uma ou por outra

ideologia (PÊCHEUX, 1995). Nessa perspectiva, a luta desses sujeitos jovens do discurso, marcados por uma formação ideológica imposta pelo Estado, se baseia na perspectiva de conquista de mais espaços na sociedade, de ter direito de vivenciar suas próprias ideologias, tendo em vista suas aspirações no momento histórico dado.

O recorte enunciativo aponta para a formação de uma ideologia consumista imposta de acordo com os moldes norte-americanos, bem como é evidenciado pelos termos “programados” e “empurraram”, dada pelo consumo dos produtos importados, bem como pelo modelo educacional vigente (inserção da Língua Inglesa no Ensino Fundamental, retirada de disciplinas como Sociologia e Política). A marca linguística “Mas agora” indica reação, mudança de posicionamento do sujeito, que sai do conformismo para uma possível mudança identitário-ideológica, de acordo com seus anseios. “Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês” sugere inversão de posicionamentos entre os sujeitos, que desde sempre mantiveram as posições ideológicas bem demarcadas: dominantes x dominados. Essas diferenças em relação às ideologias, bem como se percebem nos termos “nós” e “vocês” apontam para a constituição de discursos ideologicamente contrastivos, possibilitando relacioná-los ao que Pêcheux (1995), em uma releitura de Althusser (1970), denomina de luta de classes, em que há demarcações de sujeitos que se apresentam formações e posicionamentos opostos em relação aos segmentos sociais ou frente às temáticas vigentes. Nesse contexto, vale destacar a escola como aparelho ideológico do estado como fator de influência à ideologia estabelecida aos sujeitos.

Tomando os enunciados dessa letra musical como discurso que revela posição-sujeito de acordo com as considerações de Pêcheux (1995), é possível relacionar tais posições com a ideologia. Nessa direção, afirma-se que o sujeito em questão pertence à classe burguesa, que, historicamente, trata-se da classe dominante brasileira. Porém, o discurso é dirigido a outro sujeito, governante (ditadura militar), tendo em vista a censura e imposições que aniquilam a liberdade do sujeito enquanto cidadão pertencente a uma sociedade de ideologia contrária aos valores impostos na época.

“Somos os filhos da revolução” sugere o caráter de herança do sujeito, burguesia ditatorial, bem como pela repetição do termo “somos” que reforça essa tese, tendo em vista que as mudanças sociais significativas também podem vir da classe burguesa. Nesse contexto, vale ressaltar que boa parte dessa geração ligada ao *rock* eram filhos de classe média, com poder aquisitivo. Além disso, o discurso de promessa de mudança se projeta para o futuro (“Somos o futuro da nação”).

No enunciado “Todas as manhas do seu jogo sujo” o que predomina é a ideia de que o aprendizado das regras ensina a jogar. Nessa direção, entra em cena a premissa de que o sujeito só pode questionar ou propor mudanças se conhecer o jogo que se joga. Assim, nessa perspectiva, percebe-se uma espécie de resistência do sujeito em relação à geração militar.

O enunciado que “brinca” com a linguagem metafórica pode ser percebida em “Fazer comédia no cinema com as suas leis”, efeito de sentido que sugere que as leis não dão conta da realidade. Esse discurso metafórico traz à tona o jogo de que se aprende a jogar jogando, assim como se aprende uma tarefa escolar, essa geração, com desejo de revolução, aprendeu com os políticos como fazer a revolução social, inclusive podendo ser entendida como a derrubada da ditadura e a conquista da democracia.

A ideologia expressa pelo sujeito dá lugar à inquietação, sendo ideologizado, no passado, pelo que lhe é imposto, atizando o inconformismo, recorrendo à revolução como prática capaz de realizar a mudança de lugares desses sujeitos. Dessa forma, se até então essa classe pertencente ao sujeito fora interpelada por uma ideologia dominante, considerando-se que o sujeito é interpelado pela ideologia (FUCHS, PÊCHEUX, 2010), agora emerge a resistência a essa formação ideológica em busca de outra(s). Funda-se, assim, uma forma-sujeito marcada entre a ideologia e o desejo (PÊCHEUX, 1995).

3. Considerações Finais

Pelas análises da letra musical *Geração Coca-Cola*, percebe-se um sujeito pertencente a uma classe burguesa, bem como materializado no discurso da letra e perceptível pela própria juventude ligada ao *rock* brasileiro da supracitada década que era na sua maioria filhos de classe média alta, sobretudo os integrantes das bandas. Porém, afirma-se que a ideologia defendida pelo sujeito vai ao encontro dos anseios de toda a classe populacional, sobretudo a mais baixa, que também integra os sujeitos representados pelo sujeito do discurso. Assim, o que se percebe é uma contestação em relação às ideologias impostas pela classe governante, cujos sistemas de consumo, bem como educacional e formas de se governar da época não correspondem aos anseios da juventude representada pelo sujeito do discurso. Nessa direção, esse choque ideológico pautado no discurso, entre os sujeitos (jovem rico e/ou pobre e classe política) se fundamenta na história, já que se trata de imposições

historicamente marcadas e a ideologia revolucionária vem à tona frente ao sistema governamental vigente.

Discografia

RUSSO, Renato. Geração Coca-Cola. Intérprete: LEGIÃO URBANA In: LEGIÃO URBANA. *Legião Urbana*. Rio de Janeiro: EMI, p1985. 1 LP. Faixa 6.

Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa: Presença, 1970.

DAPIEVE, Arthur. **Brock: o rock brasileiro dos anos 80**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADER, Françoise; HAK Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução Bethania S. Mariani [et al.]. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 159-250.

MALDIDIÉ, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni P. Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 5. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2008.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

Artigo recebido em: 06/12/2017

Artigo aprovado em: 25/04/2018